

ESTUDAR CINEMA PARA QUÊ? REPRESENTAÇÕES FÍLMICAS PARA REFLEXÕES SOB O OLHAR DA REALIDADE SOCIAL

Janailson da Silva Costa ¹

Felipe Martins da Silva ²

Iris Dayane Guedes Lira ³

INTRODUÇÃO

Estudar cinema é, antes de tudo, um gesto político e estético de ler o mundo. A pergunta que dá título a este artigo, “*Estudar cinema para quê?*”, não busca uma resposta objetiva ou pragmática, mas convida à reflexão sobre o lugar das imagens em nossa vida cotidiana e sobre o poder que elas exercem na constituição de nossas percepções, afetos e identidades. Vivemos em uma sociedade cada vez mais imagética, em que as telas mediam nossas relações, desejos e modos de compreender o outro. Nesse contexto, compreender o cinema não é apenas um exercício de fruição artística, mas uma necessidade formativa e cidadã.

Como lembra Paulo Freire (1999), a educação é um ato político e libertador, que se realiza quando o sujeito aprende a ler criticamente o mundo para transformá-lo. O cinema, ao construir narrativas que representam a vida social, oferece-se como uma poderosa ferramenta pedagógica de leitura do mundo. Ler um filme é ler a sociedade, pois cada plano, som e gesto traz consigo marcas históricas, ideológicas e culturais. A sala escura do cinema ou a tela digital tornam-se, assim, espaços simbólicos de encontro entre arte, cultura e educação.

O cinema atua como espelho e janela: espelho porque reflete nossas experiências e contradições, e janela porque permite vislumbrar realidades outras, diferentes daquelas em que estamos inseridos. Como destaca Edgar Morin (2000), o cinema é uma “máquina de imaginar o real”, capaz de articular sonho e cotidiano, emoção e reflexão. Ao mesmo tempo que seduz pela estética, o cinema questiona, provoca e denuncia. Ele dá visibilidade a sujeitos historicamente silenciados, oferece novas narrativas sobre o que significa ser humano e expõe as feridas abertas das desigualdades sociais.

¹ Mestrando em Formação de Professores- UEPB/PPGFP pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: janailsonth@gmail.com;

² Especialista em alfabetização e letramento pela União Brasileira de Faculdades – UniBF, E-mail: felipemarthyns2014@gmail.com;

³ Mestra em educação UFPB-PPGE, E-mail: irisdayane04@gmail.com.



Nesse sentido, estudar cinema é também um ato de resistência. É recusar o consumo passivo de imagens e propor uma leitura crítica das representações que circulam nos meios de comunicação. É indagar o que se mostra, o que se oculta e quem tem o poder de representar. Como afirma Stuart Hall (1997), as representações culturais participam da produção de significados e das lutas por reconhecimento. Logo, o cinema não é neutro: ele é um campo de disputas simbólicas onde se travam embates por visibilidade, identidade e poder.

A escola, ao abrir espaço para o cinema, amplia seu papel social. Ela deixa de ser apenas um local de transmissão de conteúdos e passa a ser um território de formação estética, política e ética. O cinema, quando incorporado de forma crítica, estimula o diálogo, a empatia e o pensamento reflexivo — princípios fundamentais da educação emancipadora. A experiência fílmica na sala de aula cria um espaço em que o aluno pode ver, sentir e pensar o mundo, articulando emoção e razão, sensibilidade e crítica.

Em tempos marcados por discursos de intolerância, racismo, sexismo e homofobia, o cinema desponta como linguagem capaz de mobilizar afetos e promover a escuta do outro. Ao tratar de temas como gênero, sexualidade, classe e raça, os filmes ajudam a construir pontes entre realidades distintas, desafiando preconceitos e estimulando a consciência social. Mais do que uma ferramenta didática, o cinema é um campo de produção de saberes e de subjetividades, uma linguagem que nos ensina a olhar o invisível e a compreender a complexidade das relações humanas.

Portanto, a pergunta “*Estudar cinema para quê?*” é também uma provocação sobre o papel da educação no século XXI. Em uma era saturada de imagens, o desafio é formar sujeitos capazes de pensar criticamente o que veem, de reconhecer as narrativas que moldam seus modos de existir e de atuar no mundo com consciência e sensibilidade. Estudar cinema é, em última instância, aprender a ver o mundo com outros olhos, a desconfiar das verdades absolutas e a transformar o olhar em ferramenta de emancipação.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem **qualitativa, exploratória e interpretativa**, fundamentada na **educação crítica de Freire (1999)** e nos **estudos culturais de Hall (1997)** e **Morin (2000)**. Parte-se da pergunta orientadora — “*Estudar cinema para quê?*” — compreendida como provocação teórica e pedagógica sobre o papel do cinema na leitura crítica da realidade social.



O corpus de análise é composto por filmes do **cinema brasileiro contemporâneo** que abordam temas de gênero, classe, sexualidade e raça, como *Que horas ela volta?* (2015), *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014) e *Tatuagem* (2013). A escolha dessas obras justifica-se por seu potencial de diálogo com questões sociais e educativas.

A análise fílmica foi conduzida sob uma perspectiva **dialógica e interseccional**, interpretando o cinema como **texto cultural** e como prática de formação crítica. Buscou-se compreender como as representações cinematográficas produzem sentidos e tensionam desigualdades sociais, articulando dimensões estéticas, simbólicas e pedagógicas.

O estudo apoiou-se ainda em pesquisa bibliográfica (Duarte, 2002; Napolitano, 2003; Azevedo, 2016), que sustenta o cinema como ferramenta educativa e espaço de conscientização. Mais do que medir resultados, a metodologia privilegia a interpretação de sentidos e o diálogo entre imagem, cultura e educação, reconhecendo o cinema como linguagem capaz de provocar reflexão, empatia e transformação social.

REFERENCIAL TEÓRICO

Cinema, cultura e representação

O cinema é uma das expressões mais complexas da cultura moderna. Ele combina arte, técnica, indústria e ideologia. Como afirma Stuart Hall (1997), as representações culturais não apenas refletem o mundo, mas o constroem, participando ativamente da produção de sentidos e identidades. Assim, o cinema se insere no campo das disputas simbólicas que definem o que é visível e o que é invisível, quem é representado e como é representado.

As imagens cinematográficas carregam discursos sobre raça, gênero, classe, sexualidade e nação. Cada enquadramento, cada escolha estética e narrativa, é atravessado por valores e visões de mundo. Como observa Edgar Morin (2000), o cinema é uma “fábrica de sonhos” e, simultaneamente, uma “máquina de realidades”, pois seu poder de encantamento está ligado à capacidade de reproduzir e reinventar o real. Ao mesmo tempo que oferece fuga e fantasia, o cinema devolve ao espectador uma imagem de si mesmo e do mundo em que vive.

Nesse ponto, torna-se fundamental o olhar crítico sobre o que se vê. As representações não são neutras. Filmes que abordam temas como racismo, desigualdade de gênero, homofobia ou pobreza, por exemplo, podem tanto reforçar estereótipos quanto



Cinema e educação: a imagem como prática de conscientização

Dessa forma, o professor assume o papel de mediador, incentivando o debate e a reflexão crítica. A análise fílmica em sala de aula pode revelar as múltiplas camadas de sentido presentes em uma obra, aproximando o aprendizado da vida cotidiana e fortalecendo a formação cidadã. Azevedo (2016) afirma que o cinema, ao ser incorporado como prática educativa, estimula o pensamento autônomo e o respeito à diversidade, aspectos fundamentais para uma educação democrática e inclusiva.

Essas narrativas convidam o espectador a repensar a realidade que o cerca. A arte cinematográfica, ao dar visibilidade a sujeitos marginalizados, pode contribuir para a desconstrução de preconceitos e para o fortalecimento de novas formas de pertencimento



e convivência. Conforme destaca Hooks (2019), o ato de ver e refletir sobre o que se vê é um exercício político e pedagógico: o olhar crítico é também uma forma de resistência.

Portanto, o estudo do cinema não se limita à apreciação estética, mas envolve uma dimensão ética e política. Ele nos ensina a olhar com mais atenção, a questionar o que é dado como natural, a compreender a complexidade da vida social e a imaginar outros mundos possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos filmes *Que horas ela volta?* (2015), *Hoje eu quero voltar sozinho* (2014) e *Tatuagem* (2013) evidenciou o potencial do cinema brasileiro como linguagem educativa e crítica. As narrativas fílmicas revelam as tensões e desigualdades presentes na sociedade, abrindo espaço para discussões sobre classe, gênero, sexualidade e liberdade. O cinema, nesse contexto, mostrou-se um instrumento de leitura social, capaz de mobilizar afetos e promover reflexões que ultrapassam o entretenimento, tornando-se uma ferramenta de formação ética e política.

Em *Que horas ela volta?*, observa-se a denúncia das desigualdades estruturais, especialmente nas relações de classe e no papel social do trabalho doméstico. A obra permite discutir o espaço social e simbólico ocupado por empregadas e patroas, tensionando fronteiras históricas de poder e subordinação. Quando inserido no contexto escolar, o filme favorece o diálogo sobre mobilidade social, empatia e respeito, ampliando a compreensão crítica sobre o cotidiano e a estrutura de privilégios que ainda sustentam a desigualdade brasileira.

Já *Hoje eu quero voltar sozinho* destaca-se por romper com estereótipos relacionados à deficiência e à homossexualidade. A narrativa sensível e intimista apresenta um olhar inclusivo e humano sobre o amor e a diferença, desconstruindo visões normativas de juventude e afeto. Essa obra contribui para o debate pedagógico sobre diversidade e inclusão, promovendo o exercício da escuta e do respeito à alteridade, conforme propõe Freire (1999) ao defender uma educação pautada no diálogo e na valorização das experiências humanas.

Por fim, *Tatuagem* traz o corpo e a arte como símbolos de resistência política e expressão da liberdade. O filme tensiona os limites entre o individual e o coletivo, o íntimo e o público, revelando o poder da arte como ato de contestação. As análises evidenciam que, ao ser trabalhado pedagogicamente, o cinema estimula o pensamento



crítico e a sensibilidade estética, conforme defende Duarte (2002), ao afirmar que a educação do olhar é parte essencial da formação cidadã. Assim, os resultados indicam que o cinema pode atuar como prática cultural emancipadora, despertando a consciência, o afeto e o compromisso com a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscou-se refletir sobre a potência do cinema como linguagem educativa e instrumento de análise crítica da realidade social. Estudar cinema é compreender as representações que moldam nosso modo de ver o mundo e de nos vermos nele. É também aprender a decifrar as tramas simbólicas que sustentam desigualdades e opressões, abrindo espaço para novos olhares e narrativas.

Defende-se, portanto, que o cinema seja reconhecido como campo legítimo de produção de conhecimento. Integrado às práticas pedagógicas, ele pode fomentar o diálogo, a empatia e a consciência crítica, elementos indispensáveis para a construção de uma educação emancipadora. Em consonância com Freire (1999), estudar cinema é, em última instância, um ato político: é aprender a ler o mundo para poder transformá-lo.

Palavras-chave: Cinema; Representações Sociais; Diversidade; Conscientização; Transformação Social.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Reinaldo C. **Cinema e educação: imagens que ensinam**. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário: ensaio de antropologia do cinema**. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

